

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM - MS  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**GISLAINE DE OLIVEIRA ROCHA TEIXEIRA**

**ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS SOBRE A OCUPAÇÃO  
DO TERRITÓRIO PELOS TERENA.**

JARDIM

2012

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM  
CURSO DE LICENCIATURA EM JARDIM**

**GISLAINE DE OLIVEIRA ROCHA TEIXEIRA**

**ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS SOBRE A  
OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO PELOS TERENA.**

JARDIM

2012

## FICHA CATALOGRÁFICA

TEIXEIRA, G. O. R.

Análise das representações gráficas sobre a ocupação do território pelos Terena/ Gislaine de Oliveira Rocha Teixeira – Jardim: [s.n], 2012.

42 f.

TCC (Graduação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. *Dra Sandra Cristina de Souza*

1. Território 2. Terena 3. Memória 4. Arte 5. Identidade.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul permissão para reproduzir cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso, somente para fins acadêmicos e científicos.

---

Gislaine de Oliveira Rocha Teixeira

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**GISLAINE DE OLIVEIRA ROCHA TEIXEIRA**

### **ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS SOBRE A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO PELOS TERENA.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Geografia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pela seguinte Banca Examinadora:

---

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Sandra Cristina de Souza**

---

**Prof.**

---

**Prof.<sup>a</sup>**

## **DEDICATÓRIA**

### **A minha família**

Dedico esta monografia a minha família, em especial as minhas filhas Ana Luiza de Oliveira Teixeira e Nathalia de Oliveira Teixeira que são a razão de todos os meus esforços, pelo amor e confiança demonstrada, pelo apoio incondicional, por serem minha maior fonte de força e perseverança.

Aos meus pais Ariovaldo Inácio da Rocha e Iraci de Oliveira Rocha, que sempre me deu educação e bom exemplo de realizar sonho com humildade, honestidade, respeitando o próximo ensino que sempre me auxiliaram na minha vida.

Aos professores, pelo simples fato de estarem dispostos a ensinar.

Enfim, a todos que de alguma forma colaboraram para a realização deste e por sua compreensão e auxílio para alcançarmos a primeira de muitas vitórias.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela oportunidade de viver com saúde e as bênçãos. Por termos a certeza de que Ele esteve presente em todos os momentos dessa jornada, e nos deu força para continuarmos, mesmo nos momentos mais difíceis de nossas vidas.

As minhas filhas Ana Luiza e Nathalia, pelo incentivo, colaboração e amor, principalmente, nos momentos de dificuldade, em renunciar seus sonhos de criança para realizar o meu de se formar.

A minha orientadora Prof. Dra. Sandra Cristina de Souza por estar sempre disposta a ajudar oferecendo leituras, conselhos e amizade.

A minha amiga cabo PM Gleice Aguiar, que confiou em mim e ensinou a potencializar o que temos de melhor e sempre colocou um sorriso no meu rosto em qualquer dificuldade.

Agradeço aos meus colegas que se tornaram uma família durante estes quatro anos juntos, pelas palavras amigas nas horas difíceis, pelo auxílio nos trabalhos e dificuldades e principalmente, por estarem comigo nesta caminhada tornando-a mais fácil e agradável.

Em especial, a Luiz Carlos A. Teixeira que se tornou amigo, e manteve sua palavra em não me desamparar enquanto tivesse neste período de graduação.

*A história, como toda atividade de pensamento, opera por descontinuidade: selecionamos acontecimentos, conjunturas e modos de viver, para conhecer e explicar o que se passou.*  
(Verena Alberti)

## **RESUMO**

Esta pesquisa pretende analisar como as comunidades indígenas Terena representam nos cartazes a expressão artística, buscando dar liberdade para as representações da memória coletiva expressa por este povo na oralidade e na cultura. A partir de desenhos retratando as mudanças na ocupação de seu território, a identidade, a cultura. Para isso, utilizamos fotografias de cartazes produzidos em grupo por professores indígenas participante do curso de Formação de Professores Povos do Pantanal, projeto de extensão da UEMS, contemplado pelo edital PROEXT/MEC 2009 e coordenado pela Prof. Dr. Sandra Cristina de Souza desde março de 2011 com término previsto para setembro de 2012.

**Palavras Chave:** Território Terena. Memória. Arte. Identidade.

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze how indigenous communities Terena represent the posters artistic expression, trying to give freedom to the representation of collective memory be expressed by these people, who are on oral and stored in memory. From drawings depicting changes in the occupation of their territory, identity, culture. For this, we use photographs of posters produced by indigenous teacher's group participant Course Teacher Training People of the Pantanal, the extension project of the UEMS, contemplated by edict PROEXT /MEC 2009 and coordinated by Prof. Dr. Sandra Christina de Souza from March 2011 with completion scheduled for September 2012.

Keywords: Territory. Terena. Memory. Art. Identity.

## LISTA DE FIGURAS

Cartaz 1- Posto Indígena de Nioaque.....	24
Cartaz 2- Pólo Lalima em Miranda.....	30
Cartaz 3- Aldeia Limão Verde.....	31
Cartaz 4- Posto Indígena Taunay - Aquidauana.....	32
Cartaz 5- Posto Indígena Taunay- Aquidauana.....	33
Cartaz 6- Posto Indígena Taunay-Aquidauana.....	34
Cartaz 7- Posto Indígena de Nioaque.....	35
Cartaz 8- Aldeia Terena Cachoeirinha de Miranda.....	36
Cartaz 9- Posto Indígena Taunay Aquidauana.....	37

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1- Dos Primeiro Núcleos.....	20
-----------------------------------	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1: O POVO TERENA E SUA LUTA POR TERRITÓRIO.....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO 2: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO 3: COMO OS TERENA VÊM SUA OCUPAÇÃO E O PROCESSO DE DOMINAÇÃO DE SEU TERRITÓRIO ATRAVÉS DA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS DOS PROFESSORES TERENA PARTICPANTES DO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS DO PANTANAL (MEC-PROEXT-UEMS 2009).....</b>	<b>29</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como propósito analisar como as comunidades indígenas Terena, cuja cultura é baseada na oralidade, representa graficamente as mudanças na ocupação de seu território. Para isso, utilizamos fotografias dos cartazes produzidos em grupo por professores indígenas de extensão da UEMS, contemplado participantes do curso de Formação de Professores Povos do Pantanal, projeto pelo edital PROEXT/MEC 2009 e coordenado pela Prof. Dra. Sandra Cristina de Souza a partir de março de 2011 com término previsto para setembro de 2012. Os cartazes foram elaborados durante a fase teórica do curso ocorrido em Aquidauana/MS em outubro de 2012, onde participaram 100 professores das etnias Terena, Kadwéu, Kinikinau e Guató, de mostrando a visão Terena de como eles passaram a ocupar outros territórios em períodos diferentes, passando de geração para geração alguns costumes e características sociocultural que estão ligadas na tradição cultural Aruak.

Estas lutas estão marcadas na memória dos indígenas. Esta memória é representada através de acontecimentos selecionados pela memória coletiva (HALBACH, 1987) pela vivacidade de fatos contados com emoção, reações, observações, relatos pitorescos, como se pudéssemos restabelecer a continuidade com aquilo que já não volta mais. Como afirma Alberti (2004, p. 15) “A memória, já se disse, é a presença do passado”. Memória é a junção da ilusão de restabelecimento do vivido e o trabalho da memória em dar vida ao passado a história.

A luta pela terra entre os Terena acontece desde o século XVII, quando a região começou a ser dominada pelos espanhóis e depois portugueses. Embora, os Terena tivessem usando os recursos naturais, legalmente as terras não eram deles e sim de particulares, até a demarcação de suas terras a partir do início do século XX (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1958). Podemos ver traços marcantes destes acontecimentos da história Terena representados nos cartazes de acordo com um sentimento de vivenciar a experiência vivida.

As demarcações não deram conta de atender ao território realmente utilizado pelo Terena, mas oficializou apenas uma parte das terras por eles ocupadas. A presença do não-índio próximo às aldeias tornou o território Terena alvo fácil de invasões e desmatamentos intensificando a dificuldade de preservação de tradição e a prática cultural de seu povo. O território desta forma é insuficiente para a reprodução social e cultural. Com trabalho oferecido pelos fazendeiros e os centros urbanos regionais, sem ter outra alternativa, os Terena saem de sua aldeia para sustentar suas famílias com o baixo salário que lhes é

pago, pois não há incentivo do Governo para manter o Terena em sua aldeia para que possam sobreviver com o que seu território oferece, pois, não há insumos nem projetos que busquem a sua fixação no território, visto que são insuficiente.

Os cartazes representam uma forma própria do Terena ver a sua relação com o território. Viveiros de Castro (2004) forjou o conceito de perspectivismo para esta forma do indígena interpretar-se a si mesmo. Podemos definir o Perspectivismo como o direito de interpretar de maneira crítica, o direito e a direção de se fazer justiça. A arte representa os objetos sobre o plano tais como se apresentam seu envolvimento afetivo nos processos reais, Castro afirma sobre isso, que essa característica da arte admite “a multiplicidade de ponto de vista sobre o mundo real” Castro (2004, p. 235). São marcas que ficaram em sua alma depois de tanto sofrimento por lutar por um direito que já era seu, de ter seu território de volta: “Tal é o fundamento do perspectivismo. Ele não exprime uma dependência perante um sujeito definido previamente; ao contrário, será sujeito aquele que acender ao ponto de vista...” VIVEIROS DE CASTRO (1988, p. 27). Cada um tem seu ponto de vista referencial, do seu olhar reflexivo da sua realidade.

O conceito de identidade que utilizaremos é de Hall que a define como algo que faz a ligação entre o interior e o exterior, entre o indivíduo e o mundo no qual ele está inserido, dessa forma “A identidade, então, costura [...] no sujeito a estrutura.” (2003, p. 13). Este conceito nos ajuda a compreender como a identidade Terena, mantém dentro de si seus valores culturais próprios e qual a ligação desta com a manutenção de uma identidade durante todo o processo de dominação a qual este povo sofre até hoje.

Sendo assim, no capítulo 1, pretendemos resgatar a história Terena sobre a ocupação do espaço ao longo do tempo, desde sua descendência, a sua travessia para o território brasileiro. A participação na Guerra contra o Paraguai onde lutaram bravamente para defender seu povo e por seu território ao lado dos não-índios. As terras de aldeamento onde ocuparam e se organizaram para unir e colocar em prática sua tradição cultural Aruak.

No capítulo 2, analisamos os cartazes com gráficos produzidos pelos professores indígenas sobre esta ocupação, através da memória, e podemos acessar esta característica também através de desenhos que expressam a cultura, a ocupação territorial, onde os Terena compartilham a crença, costumes, pensamentos, a paisagem transformada identificando o espaço vivido e compartilhado com a natureza.

No capítulo 3, procuramos caracterizar cada detalhe que os oito cartazes confeccionados pelos professores do projeto PROEXT/MEC 2009, demonstram sua cultura

Terena através da memória. Ao contemplarmos cada cartaz, percebemos a nitidez dos traços da origem Terena, as conquistas durante os períodos históricos e as transformações ocorridas no passado, presente e futuro.

## CAPÍTULO 1 - O POVO TERENA E SUA LUTA POR TERRITÓRIO

Cada cultura, cada grupo e às vezes até mesmo cada indivíduo preenche o seu espaço não apenas com um conjunto de instrumentos utilitários, mas também com emoção e sensibilidade, pois amamos, sofremos e podemos pelo menos na imaginação expressar todos os sentimentos e todos os espaços do mundo. (Barcellos apud Haesbaert, 2009, p. 45).

O povo Terena é descendente da grande Tribo Guaná, que até século XVI era dividida em várias subtribos: Terena (ou Etelenoé), Echoaladi, Quinquinau (Equinquinau) e Laiana, localizados no Chaco Paraguai. Ao atravessarem o Rio Paraguai, rumo às terras atualmente brasileiras, se fundiram, sobrevivendo apenas os Terena e os Kinikinau como etnias distintas, com língua e costumes parecidas, segundo Oliveira (1958). Entretanto é possível observar em algumas aldeias como La Lima em Miranda, e Brejão em Nioaque, ambos municípios de MS, remanescentes da subtribo Laiana. Os Terena falam uma língua da família linguística Aruak.

Nas últimas décadas do século XVIII já existiam vários próximos à Miranda:

[...essa gente é bastante industrosa; cria muito gado e possui muitos cavalos. Fazem grandes lavouras de cana-de-açúcar, de milho, de feijão e de mandioca. Cultivam também bastante algodão, com que as mulheres fazem lindos tecidos para vender aos brasileiros...] (Castelnuovo, 1949, p. 299-308 apud Gilberto Azanha p. 77).

Durante o Segundo Império Brasileiro, os índios Txané-Guaná, eram os únicos que prestavam serviço nas vilas de Miranda e Albuquerque, conforme relatos oficiais das Diretorias de Índios no Mato Grosso:

Guanás: As quatro tribos de que se compõem esta nação (Terena, Kiniquinao, Echoaladi e Laiana) pouco ou nada diferem entre si quanto ao modo de existência; seus costumes são mansos e pacíficos e hospitaleiros; vivem reunidos em aldeias mais ou menos populosas e muitos deles se ajustam para serviços de toda espécie em diversos pontos da Província, mormente para a navegação fluvial. Sustentam-se da caça e da pesca, mas principalmente da carne de vaca e dos produtos de sua lavoura. Cultivam milho, mandioca, arroz, feijão, cana, batatas, hortaliças e igualmente todos os gêneros de agricultura do país. As suas colheitas não só chegam para seu consumo como lhes resta um excedente que vendem a dinheiro ou permutam por diversas fazendas, ferramentas, aguardente, espingardas, pólvora, chumbo e quinquilharias e bem assim gado vacum e cavalos de cuja criação se ocupam. Fiam, tecem e tingem o algodão e a lã do que fazem ótimas redes, panos, cintos e suspensórios e quase todos entendem o nosso idioma [...]. Da tribo que conserva o nome de Guaná, há uma aldeia junto a Freguesia de Albuquerque e outra na margem do rio Cuiabá; (os) Guaná Kinikináo: em número de perto de oitocentos, vivem em uma aldeia no Mato Grande distante três léguas do poente de Albuquerque; existe outra aldeia de duzentos indivíduos nas imediações de Miranda; Guaná Terenas: vivem aldeados nas imediações do Presídio de Miranda; Guaná Laianas:

habitam também na vizinhança do mesmo presídio. Província do Mato Grosso descreveu os Guaná assim: (AZANHA, 2006, p.76, 77).

Os indígenas eram vistos como espontâneos e livres antes da guerra do Paraguai tinham uma boa relação entre os Txané-Guaná, como eram chamada a grande Tribo Guaná, e a população neobrasileira e os Txané era vistos como os verdadeiros colonizadores da região.

A força brasileira durante a Guerra contra o Paraguai contava com a participação dos índios, junto aos soldados, lutando frente a frente contra os inimigos e portaram-se como verdadeiros heróis. Mesmo não acostumados a lutar, os índios, mantinham sua posição de guerreiro.

No final de 1864, o conflito entre Paraguai e a Tríplice Aliança fez com que mudasse radicalmente a história Terena, transformando de forma dramática a rotina de todas as aldeias Txané que se situavam na região do rio Miranda e Aquidauana. Eram aliados dos brasileiros, pois, os ataques das tropas invasoras foram justamente em território indígena e com isto, houve uma dispersão das aldeias buscando refúgio nas matas e serras, lugares que eles conheciam muito bem para manter seu povo seguro. Conforme pontua Corrêa:

O abandono e o descaso das autoridades em relação á região persistiram mesmo com a momentânea e ineficiente atenção á região persistiram mesmo com a momentânea e ineficiente atenção com o envolvimento do Império na Guerra da Tríplice Aliança. A guerra foi também divisor das águas á medida que rompeu, com suas trágicas conseqüências , com o passado colonial. A região viveu ,a partir de então , um verdadeiro estado de beligerância , resultado de conflitos pela ocupação e posse de terra e disputa de interesses internos e externos...( CORRÊA, p.18).

Porém, o pior estava por vir, ao terminar a guerra, os Terenas começaram a voltar aos seus territórios tradicionais onde perceberam que sofreram uma redução drástica de seu povo e as enfermidades diversas espalhavam-se rapidamente, e também, tiveram o seu território em mãos de terceiros, ou seja, os novos colonizadores como afirmaram FLOREAL (1928, p. 49).

Então uma nova guerra iria começar para os Terena no intuito de obter suas terras e seus direitos de volta, através de seus chefes foram procurar as autoridades de Cuiabá com quem sempre mantiveram respeito. Começa então, a reorganização do espaço territorial na zona do conflito, com a criação das reservas para manter a sua sobrevivência livrando seu povo dos brancos e das doenças ali existentes.

Em 1850 a Lei n ° 601 definiu o que seriam as terras devolutas: *“aquelas que não estão sob domínio dos particulares, sob qualquer título legítimo, nem aplicado a alguns usos público federal, estadual ou municipal”* (AZANHA, 2006, p. 62), proibindo qualquer tipo de

negociação destas terras com compra. E mais específico foi o artigo 72 do regulamento nº 1318 de 1854 (que ordenava executar a Lei de terras) que onde tivesse “*hordas selvagens ou aldeamento*” estas terras não podiam ser vendidas, mas os procuradores tendo poder para a venda não hesitarão em não fazer a venda, mesmo sem o consentimento dos donos indígenas.

E era nestas terras de aldeamento, que o povo indígena encontrou amparo pela Lei e a paz com a coroa, pois a Lei nº 601 dava entendimento que as terras ocupadas pelos aldeamentos não eram devolutas, pois eram do domínio do Estado. E houve várias tentativas dos brancos arrendatários de obter estes terrenos indígenas, pressionado os Governos Provinciais alegando que eles tinham abandonado os locais, acusando-os de misturados (SILVA: 2001).

Os Terena lutaram e contribuíram para a formação da região sudoeste do atual Mato Grosso do Sul com seus conhecimento e técnicas agrícolas:

O SPI instalaria seu primeiro posto indígena (PIN) entre os Terena na aldeia Cachoeirinha (em 1918), com o objetivo de levar aos índios a "proteção fraternal" preconizada por Rondon - o que, ao menos nos primeiros anos, foi de fato tentado. Mas logo essa "proteção" (que deveria ser de direitos) foi sendo gradualmente transformada em imposição política. O "encarregado do posto" passaria gradativamente a interferir em praticamente todos os aspectos da vida social Terena: da mediação de conflitos internos entre famílias, à lavratura - e guarda dos registros - das ocorrências civis (nascimento, casamento e óbitos) até a gestão dos contratos de trabalho e estabelecimento de uma "guarda indígena" para a manutenção da "ordem". (AZANHA, 2006, p.81)

Como os Terenas nunca tiveram limites em suas terras, eles não respeitavam os limites das reservas, sempre estavam dentro de outras áreas, caçando, pescando, plantando ervas medicinais, mel, fora do limites dos aldeamentos, após o processo de aldeamento, que não contemplou as terras que eram ocupadas para essas finalidades, começaram ser reprimidos pelos novos donos dessas áreas, ancestralmente dominadas por eles.

A área total das 07 reservas Terena criadas nos anos 1910-1920 é de cerca de 19.500 hectares e a população ali residente é hoje de 13.288 habitantes portanto, a densidade demográfica global nelas é da ordem de 65 habitantes por km<sup>2</sup> - contra 07 habitantes por km<sup>2</sup> no Mato Grosso do Sul. Ou seja, quase 10 vezes maior! Além disso, os dados e observações levantados por nós nas reservas de Buriti, Cachoeirinha e Taunay-Ipegue, indicam, claramente, que não se vive da reserva, mas na reserva. (AZANHA, 2006 p. 86)

A população cresceu e as áreas às vezes não supriam as necessidades da população Terena, com isto, começou a imigrar para a região urbana ou para as fazendas em busca de emprego ou de melhor condição de vida. (AZANHA, 2006, p. 87). Este crescimento populacional ocorreu devido à estratégia da comunidade de incorporar novos membros não indígenas como cônjuges, causando este incremento, já que para autodenominar-se Terena, é preciso que o pai ou a mãe de uma pessoa se reconheça e seja reconhecido como tal, e não ambos os pais. Mesmo aqueles que não conseguem sobreviver economicamente dentro da aldeia, são considerados indígenas, pois, o compartilhar da sociedade étnica para o Terena, significa que mesmo não morando nas aldeias ele deve ser solidário com seu povo e mesmo nascendo em uma aldeia não é condição necessária para o reconhecimento da identidade étnica, segundo OLIVEIRA ( 1978 apud MARQUES, 2009, p.72 ).

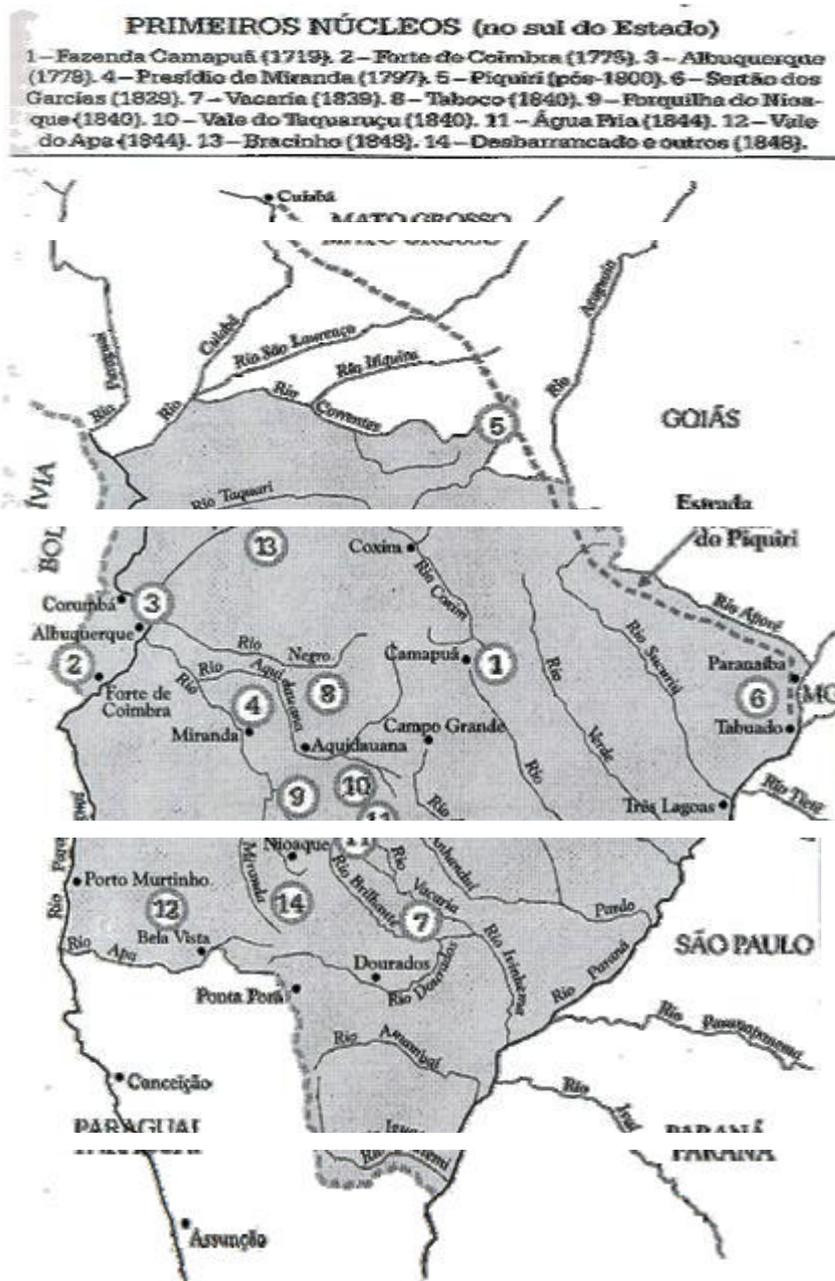
A tradição cultural Aruak tem várias características, como as técnicas usadas na agricultura no modo de plantar e aperfeiçoar através de outras culturas de fácil adaptação em ambientes diversos que facilitou seu expansionismo e domínio sobre os outros povos inferiores. E somente a partir de 1960 que os Terena começaram a ser perseguidos reprimidos, pelos fazendeiros e pelos encarregados do SPI nestas suas expedições. (AZANHA, 2006. p 82).

Porém, mesmo assim, os índios Terenas não deixaram de exercer seu direito á caça e á pesca em áreas consideradas suas, mesmo não aceitando os limites impostos pela Lei, obrigando o confinamento nas reservas por conta de força maior das elites regionais e a intenção política da parte do SPI. Começou a resistência e dominação dos Terenas assumindo diferentes formas de disputa como o controle de recursos materiais e posições de poder, tentando afirmar sua capacidade de liderar sua própria vida. *Na atualidade, a imagem que as culturas indígenas nos oferecem é aquela de um condenado algemado e amordaçado, sem condição de reação e que, consciente ou inconscientemente, a cada passo mais se aproxima do patíbulo.* (Diniz, op.cit, p.102 apud Ferreira ano 2007 e p.6).

Atualmente, existe uma dualidade indígena: a tradicional e moderna, que caminham lado a lado com as formas de resistência e sobrevivência de seu povo criando estratégias de fortalecimento, mudanças na economia, cultura e política indígena para se manter as relações com os não índios. Um processo de mudança e adaptação aos novos padrões históricos da estrutura e formas de acesso ao território e recursos naturais que foram reduzidos.

Dessa forma, os terenas tomaram posse da terra indígena oferecida e se organizaram e mantiveram seu povo unido e compartilhando seu território junto com a natureza buscando

sua autonomia de movimentação territorial e sua reprodução até os dias de hoje. “*Quem luta por uma causa não tem tempo de pensar em si, mas por seu povo*”. (Souza apud Ferreira p.178).



Fonte: Mapa Andrey Cordeiro, 2007 p.124.

Os traços fundamentais deste sistema permaneceram operando, durante o início do século XIX, quando foi aplicada uma política de “cerco colonial”, e perduraria até a primeira metade do século, quando fatores nacionais e internacionais alterariam a dinâmica política do país 55. Mas, a política do “cerco colonial” expressava a primeira fase da formação de um

novo sistema social: o Estado-Nacional (e a incorporação dos territórios do Chaco/Pantanal a este sistema 56).

## CAPITULO 2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Os povos com tradição oral valorizam a história contada pelos antepassados, trazendo cores ao passado, fazendo-os guardiões de histórias únicas, que efetivamente vivem o presente que sua memória guarda. Então temos a sensação de vivenciar relatos pitorescos como se pudéssemos restabelecer a continuidade de acontecimentos selecionados revelando fatos contínuos que nos dá a sensação do passado e o presente. *“A memória, já se disse, é a presença do passado”* (Verena Alberti p.15 apud Russo, 1996, p. 94). É a junção da ilusão de restabelecimento do vivido e o trabalho da memória em dar vida ao passado. *“Para compreender o homem, dizia, é necessário compreender sua historicidade”* (Verena Alberti p 18), ou seja, compreender e acreditar e se colocar no lugar do outro é vivenciar outras existências. *“Tomar o indivíduo como valor não é apenas considerá-lo uma entidade valorizada em nossa cultura individualista”* (Verena Alberti, p 20).

Neste sentido, a imagem tem um papel importante na memória. Principalmente, de interpretar os fenômenos literários de acordo com sua beleza ou com as condições históricas, passada para a tela (no nosso caso os cartazes) que por sua vez se transformam em obras de arte que passam a serem objetos de reflexão.

Cada arte tem sua ação parada e visível na sua especificidade, concentrando um momento único como se mobilizasse o que foi narrado. Ao olhar podemos sentir, ver, o que é retratado através dos traços, paisagens, cores fazendo refletir o que realmente aconteceu. A memória pode então ser trazida à consciência tornando-se imagem da lembrança. *“É, no entanto, nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança”* (Ricceu P. p. 26).

Porém, a impressão de um fato ocorrido resulta em um choque notável, marcante que é essencialmente sentido na medida em que a alma recebe a impressão. A memória tem contraste do passado com o futuro que se torna marca temporal que se traduz através do ouvido, sentido, pensado em alguma coisa que nos lembramos “sem os objetos” ou ter passado algum tempo “sensação do tempo” que implica a distinção entre o antes e o depois. E não temos outra referência do passado se não a memória que tem a relação com a lembrança. *“Para evocar o passado em forma de imagens, é preciso poder abster da ação presente, é preciso atribuir valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez o homem seja o único ser capaz de um esforço desse tipo”* (Riccoeur, p. 44).

Em diversas circunstâncias da vida nos deparamos com fatos, depoimentos, imagens que fazem reconstruir um conjunto de lembranças esquecidas, mas se juntamos a memória recomeça a reconstruir um quadro de nossas lembranças antigas, conseguimos colocar no papel o que nossa memória relata. *“Mas nossa lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimento nos qual só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos só.”* (Halbwachs Maurice, p.30)

As lembranças fazem com que a memória se torne espelho refletindo de volta as imagens do passado podendo assim descrever de alguma forma. Por isto, ao ver uma imagem expressando sentimento se torna uma memória coletiva despertando lembrança mais ampla, que compreende ao mesmo tempo quem desenhou ou quem contempla, assimilando assim, nossa percepção presente ligada ao passado que permanece nítida. Depende de cada lugar e suas paisagens que o ser humano cria a maneira de viver e de usufruir seu território, construindo seu espaço geográfico. *“A geografia é isso: o povo, os lugares e suas paisagens, e a relação do povo com seu espaço em um determinado tempo histórico”*. ( 1998, p. 225)

Através dos cartazes elaborados pelos professores Terena sobre as transformações ocorridas em seu território, observarmos como esse povo se relaciona com seu espaço, o entende e o explica, pois, passam a se relacionar com a terra, água, plantas, com outros povos, o imaginário, o sentimento, e tudo que se faz presente na interpretação do espaço. *“O território são formas, mas o território usado são objetos e ações sinônimos de espaço humano, espaço habitado”*. (SANTOS M. p.16).

A partir dos aspectos culturais, o território compartilha sua crença, costumes e pensamentos que nele esta contido, fazendo com que seus indivíduos tenha uma mesma cultura. Na constituição do território a cultura contribui para a valorização de caráter, identificação, autodefinição e reconhecimento ao passar um tempo vivendo num determinado território.

Neste sentido, a proposta de analisar o território e territorialidade dos Terena através das imagens produzidas leva em consideração que este povo compartilha crenças, costumes e pensamentos, passando esta cultura aos seus descendentes, recordando um mesmo passado histórico, interferindo no aspecto presente da geografia qual seja a construção de um território que possa manter seu povo vivo inserido na natureza.

O povo Terena tem uma ligação com o território que contempla uma concepção de aproveitamento de tudo que a natureza oferece, tendo uma relação homem e natureza intensa

para sua sobrevivência. Fazendo com que se diferencie do homem não-índio, usando suas técnicas, costumes, conhecimento indígena, empregando a sua cultura com estratégia de conquista territorial tanto na vertente de domínio físico, quanto simbólico ligado a afetividade mantendo assim, viva a memória cultural, como podemos observar no cartaz do Posto Indígena de Nioaque.



**Fonte:** Cartaz Produzido em Outubro de 2011 em Nioaque, durante etapa do Projeto de Extensão: Formação de Professores Indígenas do pantanal, UEMS/PROEXT/MEC – 2009. Posto indígena de Nioaque.

Dentro desta perspectiva, no território se constrói uma relação cultural, com finalidade material e não material reforçando sua identidade com o espaço vivido, envolvendo aspecto de um passado histórico que hoje se faz ligado a um sistema de representações de significados, valores que com o passar do tempo se renova criando uma identidade que se manifesta nas relações sociais do povo Terena. A paisagem expressada é como se fosse a exata realidade do Terena, com o próprio entendimento da realidade cotidiana nas aldeias mostrando determinados usos e costumes socialmente usado no território indígena, tendo como símbolo na paisagem transformada pela cultura indígena terena. Que passa a idéia, um significado de uma sociedade tradicional ligada a sua cultura a qual passou por vários processo.

A paisagem é entendida aqui em seu sentido mais amplo, contendo formas diversas de manifestações como disputa pelo poder e as de construção de identidades, tanto local quanto

global”. A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimo, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento”.(Santos M.1997, p.66).

Segundo SANTOS (2008, p.49), o território identitário é a base das relações culturais, é o espaço onde se materializam as práticas de sobrevivência anteriormente relacionadas com a caça e pesca valorizado simbolicamente por seus habitantes evocando orgulho e responsabilidade com seu território indígena tendo um vínculo á terra e o compartilhamento da natureza fazendo com que a paisagem expressa uma relação de pertencimento configurado uma relativa troca de identificação essencial à vida humana. Para o autor, a construção do território passa por novas funções de espaço, lugares, redes, mediante a produção visando o consumo: *“Por isto, o entendimento do que é o mundo passa pelo consumo e pela competitividade, ambos fundados no mesmo sistema da ideologia”* (SANTOS, 2008, p.49).

O território assim construído passa a ser um território sagrado, constituindo uma relação íntima que passa de geração a geração mantendo sua cultura e costumes, como afirma uma professora da etnia Macuxi, de Roraima:

O Brasil é formado por diferentes povos e cada um tem sua forma de viver e ocupar o espaço. Alguns possuem mais tecnologias, outros menos. Uns ocupam grandes áreas, outros áreas pequenas, mas cada um se relaciona com seu espaço e cria a sua geografia (Pereira, Macuxi, RR, p225).

O processo etnicida do território pode ser considerado bastante ocorrente no Brasil, colocando as populações indígenas, por exemplo, no contexto dos aglomerados de exclusão e de reclusão. O Estado considera as populações indígenas como frágeis e por isso, de certa forma, tornou-se responsável pelo desenvolvimento de políticas públicas setoriais e ao mesmo tempo, em que negou autonomia para os grupos desta etnia. Mesmo assim, o índio não deixou de exercer seu direito nas áreas que considera sua, não aceitando os limites impostos pela lei, obrigando o confinamento nas reservas. E não havendo alternativa de confinamento nas reservas, por conta das elites regionais e a intenção política da parte do SPI, e posteriormente FUNAI, um processo de mudanças e adaptações aos novos padrões históricos da estrutura e forma de acesso ao território e recursos naturais que fora reduzido, foi sendo construído pelas comunidades indígenas.

Começou a resistência dos Terena assumindo diferentes formas de disputa como: o controle de recursos materiais e posições de poder, tentando afirmar sua capacidade de liderar sua própria vida.

Quando os Terenas solicitaram a demarcação do território, não estavam pedindo um presente do governo ou de Rondon. O povo Terena havia enfrentado o exército paraguaio para proteger suas terras. A “demarcação das áreas Terenas foi à confirmação de um direito muitas vezes conquistado no decorrer da sua história”. (Bittencourt; Ladeira, 2000, p.100).

Mesmo assim, o Terena tomou posse da terra indígena oferecida e se organizaram e mantiveram seu povo unido e compartilhando do seu território junto com a natureza, reconhecendo seu direito buscando sua autonomia de movimentação territorial para que sua população possa viver dignamente até os dias de hoje. “*Quem luta por uma causa não tem tempo de pensar em si, mas por seu povo*”. (SOUZA, apud FERREIRA, ano2007, p.178).

Desta forma, o Terena vive em busca de solucionar as necessidades constantes que se tem para relacionar com a sociedade nacional e no usufruto pleno de seu território. “*O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado*” (SANTOS M. p.16).

O território hoje é o mesmo lugar de antes, que passa a ser habitado e assim possuindo sua identificação através de suas técnicas que transforma em verdadeiro instrumento de união formando um sentimento no cotidiano impresso a vida dos Terena.

Essa reprodução sócio-cultural tem como componente importante, a afirmação de sua identidade, que esta em constante mudança estrutural abalando a idéia que temos de nós mesmos como sujeito integrado, como afirma Shtuart Hall. Que cada individuo sinta-se parte do povo através dos elementos fundamentais no contexto histórico vivido e produzido, fundamentando-se num modo de se proceder com característica indígena própria, ligada ao sentimento de pertencimento ao território buscando retratar sua tradição.

Através da identidade territorial, com o passar do tempo foram construindo elementos complexos, como o processo de ocupação do território, definição de poder local, características e interação culturais. Para o povo Terena não foi fácil manter sua identidade, pois, tiveram diferentes contatos com outros povos e lugares no decorrer de sua história, fazendo com que mudassem muitos costumes e hábitos como vestimentas, trabalho e alimentos, que na verdade é constituinte da dinâmica cultural a que, qualquer povo está sujeito.

Mas, conseguiram depois de muitas lutas vencidas, manter algumas características que permanecem como: a língua, as relações familiares, as festas e os artesanatos, que os identificam o cotidiano e a resistência do povo Terena. Na busca de sua identificação a própria legislação considera os índios “filhos da terra”, estão ligados a uma identidade

simbólica como afirma Ortiz: (1994, p. 8) “*não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes momentos históricos*”.

O povo Terena busca a valorização do pensamento tradicional para procurar compreender a relação com o moderno, se adequando a época vivida. “*Um exemplo deste tipo de articulação se encontra na elaboração da identidade étnica neste caso, a totalidade coincide com a etnia e não mais com a nação*”. (Ortiz, 1994, p.141). A reafirmação identitária auxilia o povo Terena na construção de seu território, e podemos observar essa relação nos cartazes dos professores Terena, onde a ocupação do território é sempre representada com a população Terena caracterizada estereotipicamente com trajes indígenas. Assim, a arte expressa nos cartazes auxilia-nos a perceber a relação entre identidade e território transpondo sentimento, dando uma definição clara dos padrões de comportamento transmitido.

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de “aprendizagem”. Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contacto com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia (COLI JORGE, p.109 2002).

Para os índios Terena, a arte faz parte de sua vida através das pinturas expostas em seu corpo, no artesanato, na representação de cores e traços que ao olharmos percebemos a identidade de sua tribo evocando um enorme passado. Ao contemplarmos a arte Terena, notamos um mundo único, que possui um conjunto complexo de relação que envolve todos os tipos de sentimentos, como argumenta: “*A cultura de contato pode ser mais do que um sistema de valores, sendo também uma representação que um grupo faz da situação de contato que esta inserido em termos da qual identifica a si próprio e ao outros*”. (CARDOSO; ZAHAR, 1978, p.23).

Através da arte podemos projetar que somos nós que fazemos à arte unindo a cultura e a história. E assim, conseguimos manifestar imagens, fatos ocorridos de pessoas e lugares, que com o passar do tempo se modifica ou simplesmente não existe mais. A arte Terena é uma tradição que passa de pai para filho assim como, a arte em cerâmica e adorno corporal. Que é desenvolvida por índias que produzem e comercializa e os adornos corporais como forma de preservação da sua identidade cultural.

Os índios Terenas usam de uma técnica própria para pintar a testa, a face e o nariz em dias comuns para se proteger do sol e em dias de festa pinta-se o corpo. E é a mulher que pinta o corpo dos filhos e marido e esta arte esta ligada a pura beleza das cores preta, branco e vermelho fazendo traços harmoniosos.

Já nas cerâmicas somente a índia terena produz do começo até a conclusão da peça, usando uma técnica manual e argila de diversas cores que são encontradas no solo, este trabalho de retirar a argila do solo é realizada pelos homens, por emergir esforço braçal. As peças são de utilidade e decorativa, com gráfico artístico usados pelos terenas, como: o estilo floral, pontilhado, tracejados, espiralados e ondulados. São verdadeiras obra de arte conhecida mundialmente. O gráfico Terena é a identidade visual de sua etnia, pois, esta exposto no corpo, no artesanato e nas roupas e são considerados arte viva. Outra arte usada pelos Terenas é a dança do Bate-pau, uma tradição no momento de celebração e de reconhecimento da sua cultura que esta ligada ao contexto político de luta “a vitória” e orgulho de ser índio. É uma arte que não perdeu seu significado.

A cultura hoje é mais do que utensílio e praticas temporalmente consolidadas, ela é também relação de valorização subjetivas de identidade e significação que se manifestam objetivamente ou simbolicamente no espaço, tanto na concretude dos territórios quanto no imaginário social da cada individuo (FERRAZ,,2002, p.6).

Através da confecção dos cartazes sobre a ocupação do território que os professores Terena demonstram uma visão própria desta ocupação e que não se encontra nos livros didáticos. Podemos identificar esta visão ao perspectivismo, conceito criado por Eduardo Viveiros de Castro, que propõe que os indígenas têm uma forma interna de representar seu pensamento: “*cada espécie é um centro de consciência, é imaginar, pensar, subjetivando o outro enquanto objetiva a si mesmo*”. (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). O índio Terena e o não-índio é um dualismo em que, um é principal e o outro suplementar, devido à dominação europeia ter se instalado na região. Pois, a história do Brasil é o índio Terena inserido no território e neste território os Terenas são os donos e os donos passaram a ser os não-índios.

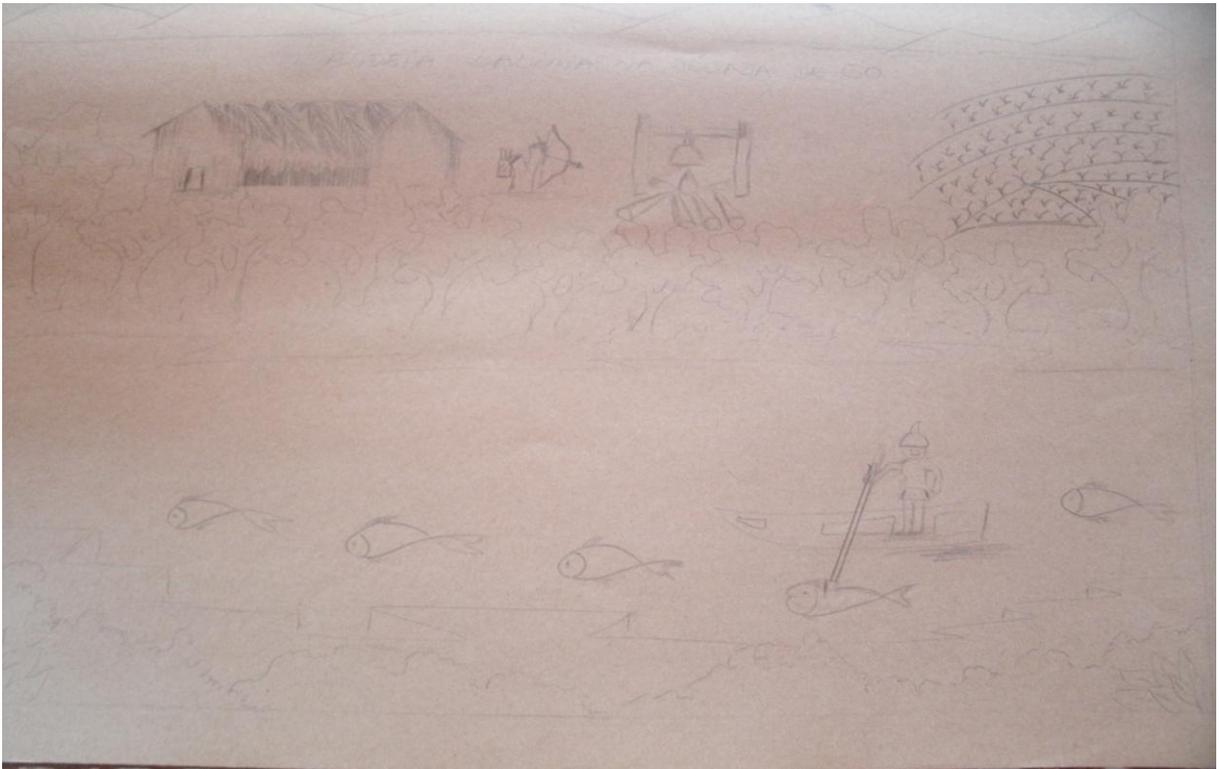
### **CAPITULO 3 – COMO OS TERENA VÊM SUA OCUPAÇÃO E O PROCESSO DE DOMINAÇÃO DE SEU TERRITÓRIO ATRAVÉS DA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS DOS PROFESSORES TERENA PARTICPANTES DO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS DO PANTANAL (MEC-PROEXT-UEMS 2009)**

Os cartazes, que são os dados analisados nesta pesquisa, foram confeccionados durante o período presencial e teórico do Projeto de Formação de Professores Indígenas do Pantanal, contemplado pelo edital MEC-PROEXT- 2009, desenvolvido em convênio com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Projeto este que iniciou-se em março de 2010, sob coordenação de Sandra Cristina de Souza com carga horária total da ação de 480 hs, com 200 vagas, tendo como público alvo professores Indígenas do Pantanal dos municípios de Aquidauana, Anastácio, Bonito, Brasilândia, Dois Irmãos do Buriti, Corumbá, Miranda, Nioaque, Porto Murtinho, Sidrolândia, tendo como objetivo realizar a formação continuada de professores indígenas: (Terena, Kadweu, Ofaye-Xavante, Kinikinau, Guató, Kamba, Atikum) para o desenvolvimento da Educação Bilíngüe nas escolas indígenas da região do Pantanal Sul-Mato-Grossense. Para tal, foram realizados encontros visando dar fundamentação teórica nessa área com oficinas sobre a língua, arte, cultura e história dos povos indígenas do Pantanal, participando de palestras, oficinas de história e cultura indígenas, realizadas em aldeias da região.

A confecção dos cartazes foi proposta aos participantes do curso durante encontro presencial que se realizou nas dependências da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em Aquidauana, em outubro de 2010.

Optamos pelo uso dos cartazes, pois os mesmos tem a possibilidade de expressar, através dos desenhos, o acesso a outras dimensões da percepção do acervo de detalhes cumulativo do passado, mantidos na memória, mas pouco acessíveis verbalmente, pois “*a visão do homem, das coisas materiais é sempre deformada*” como afirma Santos (1997, p.62).

## Cartaz – 1



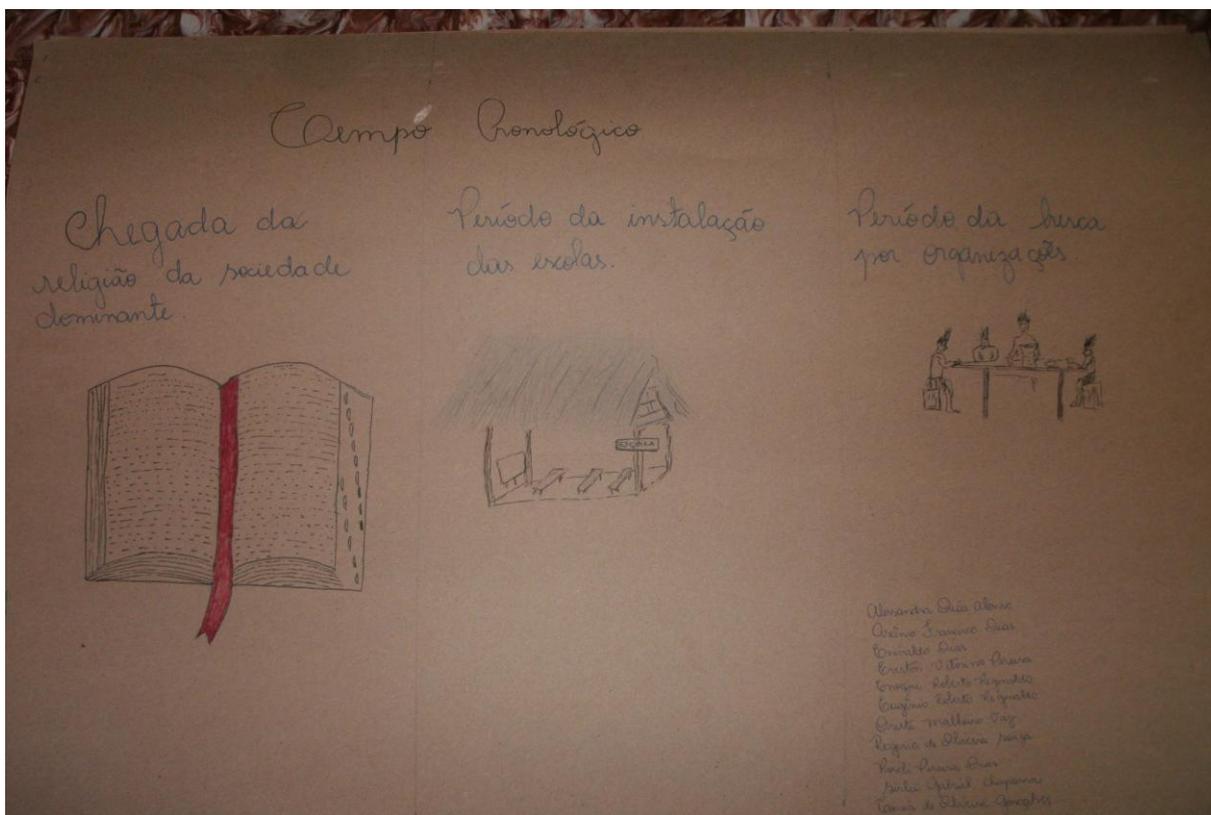
**Fonte:** Cartaz Produzido em outubro de 2011 em Miranda, durante etapa do Projeto de Extensão: Formação de Professores Indígenas do Pantanal, UEMS/PROEXT/MEC-2009. Pólo Lalima em Miranda.

Neste cartaz podemos ver a relação que os índios Terena têm com a natureza. Ocupando o seu território de forma harmoniosa, usufruindo o que ele oferece. E os traços, as formas e técnicas que eles usaram para compor o quadro demonstram a habilidade simples e amor pela arte.

A pintura revela uma terra boa para plantar suas roças e delas obterem o seu alimento, são verdadeiros agricultores. O rio simboliza fartura, água para beber, para tomar banho, pescar e às vezes, os rios servem de estradas para se locomover, pois, os indígenas sempre instalam suas aldeias próximas a rios. O índio Terena consegue manter esta relação para sua sobrevivência e bem estar.

Podemos reconhecer os Terenas pelos seus costumes e hábitos antigos que até hoje carregam na forma de se organizar em seu território e de confeccionar seus produtos de cultura material como: a cerâmica, arco e flecha e na língua Aruák que por sua vez, cada grupo fala seu próprio dialeto, mas existe pouca diferença entre si, esta diferença faz com que se identifique de qual tribo pertence. Esta é uma visão de como seria a ocupação do território antes da conquista dos não-índios.

## Cartaz - 2

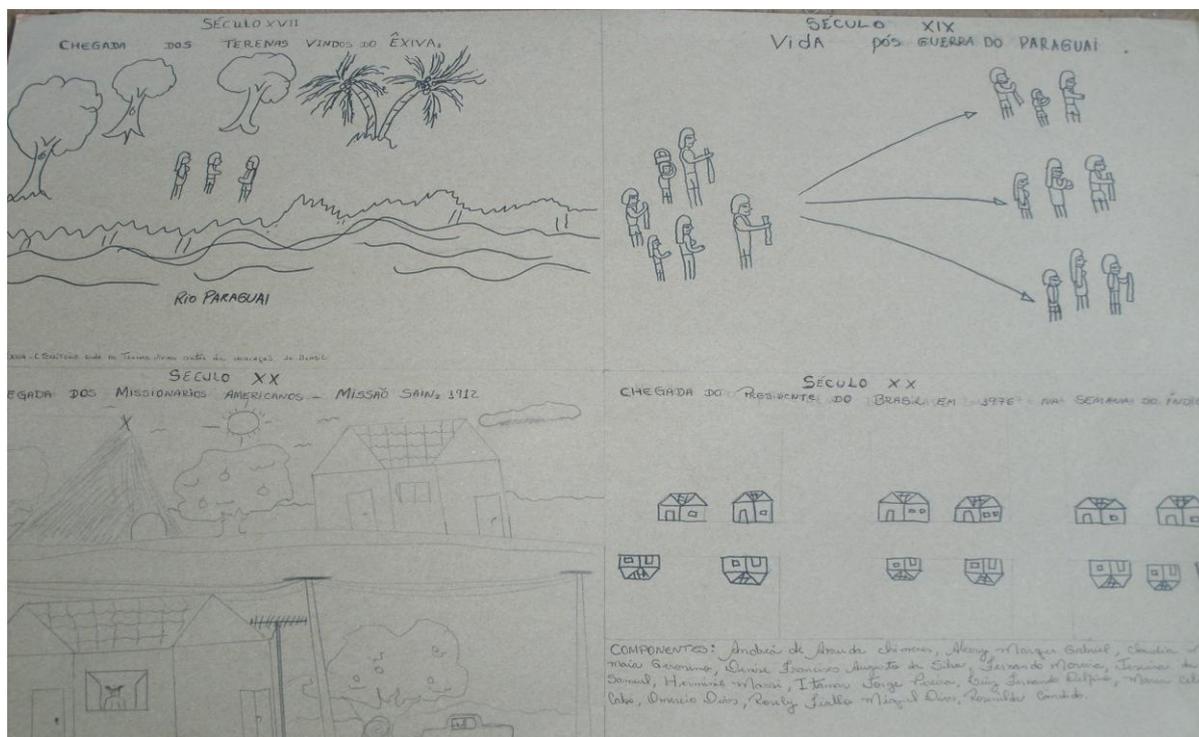


**Fonte:** Cartaz Produzido em outubro de 2011 em Aquidauana, durante etapa do Projeto de Extensão: Formação de Professores Indígenas do Pantanal, UEMS/PROEXT/MEC-2009. Na aldeia Limão Verde em Aquidauana.

Observe que neste cartaz, a representação de que o povo indígena vive há centenas de anos no território brasileiro, sua história é longa e está ligada a vários povos indígenas, os europeus, os africanos, mas o povo indígena é um só povo passando por várias épocas e tendo contato com diferentes povos. Durante a dominação dos portugueses, os colonizadores do Brasil impunham seu poder sobre eles ora de forma violenta, ora de maneira pacífica querendo ocupar seu território, e modificar seus costumes, até na sua religião e crenças, fazendo com que os índios Terenas fossem catequizados pelos missionários.

O povo Terena tem no seu passado vários momentos que marcaram sua história, como a chegada da religião, da sociedade dominante, a instalação das escolas e o período da busca por organizações. Foram mudanças que ocorreram para a vida toda deles e que estão presentes nas suas memórias nos dias atuais, como demonstra o cartaz acima.

### Cartaz – 3



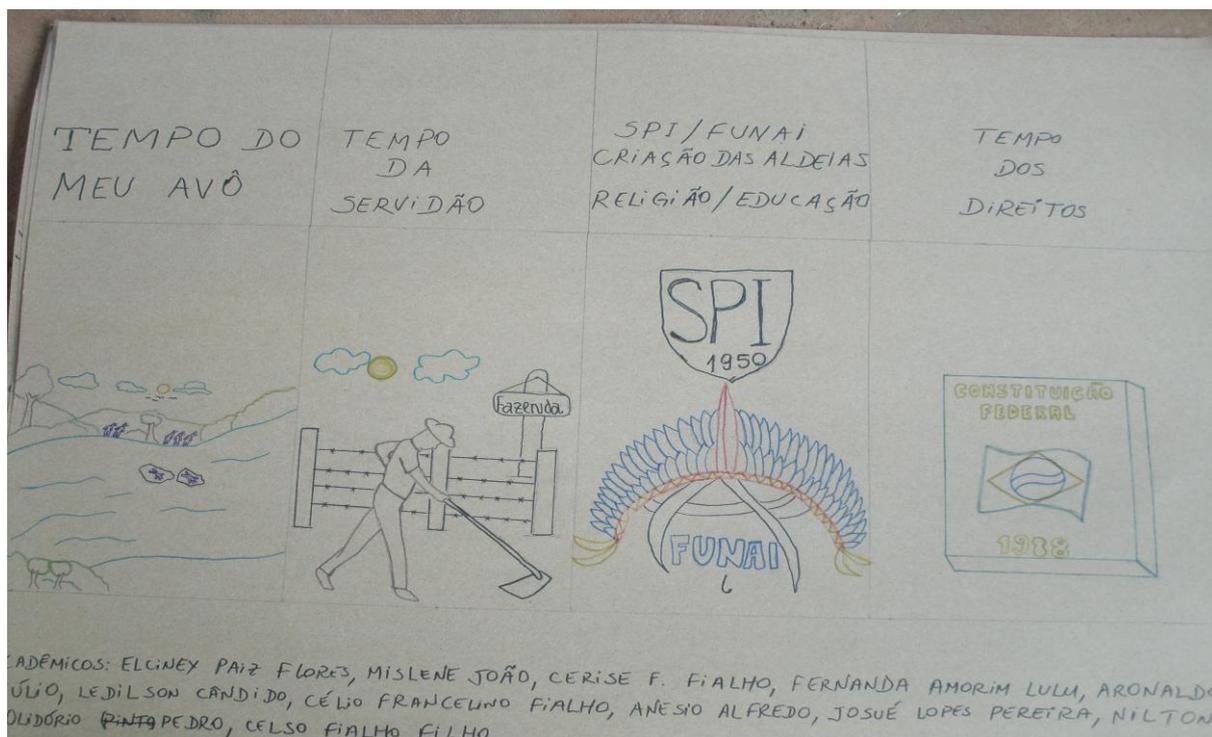
**Fonte:** Cartaz Produzido em outubro de 2011 em Aquidauana, durante etapa do Projeto de Extensão: Formação de Professores Indígenas do Pantanal, UEMS/PROEXT/MEC-2009. Posto indígena Taunay em Aquidauana.

Este cartaz mostra os momentos históricos do povo Terena, que no tempo em que eles viviam na área dos Êxiva, em território Paraguaio, a margens do rio Paraguai conhecido por Chaco e tiveram que desocupar vindo para o Mato Grosso do Sul.

Em seguida ocorreu a Guerra do Paraguai (1846-1870), onde os índios Terenas e Guaicurus se juntaram com os brasileiros e lutaram para defender o território brasileiro. Porém, os terenas tiveram grandes perdas, tanto de indivíduos quanto de território após a guerra. Perderam as suas terras para os brancos que vieram para plantar e criar gado na região.

Então começou o tempo da servidão, com suas terras delimitadas “reservas”, o índio Terena passou a buscar autonomia e direito de suas terras, convivendo com os costumes e leis dos não índios, cada vez mais próximo de seu povo. O sentimento de perda de seu vasto território esta na memória dos Terenas até os dias de hoje, como retrata o cartaz.

## Cartaz – 4



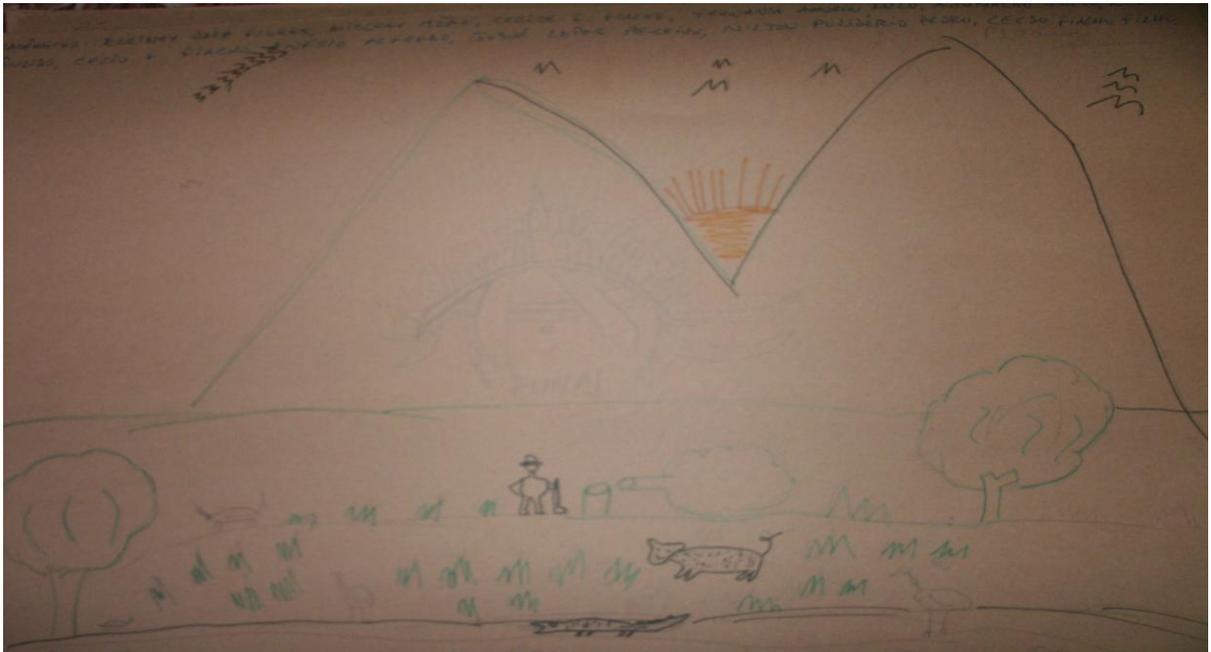
**Fonte:** Cartaz Produzido em Outubro de 2011 em Aquidauana no P.I Taunay, durante etapa do projeto de Extensão : Formação de Professores Indígenas do Pantanal,UEMS/PROEXT/MEC 2009.

Voltemos a refletir sobre nossos antepassados. Imaginemos que no transcorrer de milhares de anos a construção dos caminhos e o reconhecimento das formas que o indicavam (por exemplo: naquela pedra redonda se inicia o caminho para o riacho, enquanto o daquele tronco caído me permitirá chegar ao lugar da caça, e assim por diante), conjugaram-se com nossa capacidade de dar nome às coisas com o uso de sons e gestos e, assim, de sermos capazes de falar (Santos, 2008, p.2).

A memória nos ajuda a lembrar o “tempo do meu avô” como se coloca neste cartaz. A paisagem que identifica o primeiro contato com o ambiente. Ao olhar, seus sentidos se apropriam das sensações do passado, o mesmo com o “tempo de servidão” com a técnica de plantar, para alimentar seu povo, uma atividade muito usada até hoje, mas com espaço restrito em relação ao espaço que tinham antes dos não índios ocuparem grande parte das terras para criar gados. Os Terenas tem estes fatos guardados em suas memórias e que se torna uma lembrança coletiva.

A religião e a educação são costumes marcados pela presença dos não índios, que queria mudá-los e o direito de ser cidadão brasileiro até hoje eles lutam para obter. Viveram no passado em momentos históricos, que pode ser reconhecidos na paisagem e no território Terena que indicam experiências vividas.

## Cartaz - 5



**Fonte:** Cartaz Produzido em outubro de 2011 em Aquidauana, durante etapa do Projeto de Extensão: Formação de Professores Indígenas do Pantanal, UEMS/PROEXT/MEC-2009. Posto Indígena Taunay em Aquidauana.

Vista inicialmente como o resultado de um relacionamento harmonioso entre a natureza e o homem que ora se adaptava as condições naturais, ora produzia mudanças no meio em seu benefício através de técnicas que era capaz de desenvolver, o conceito de paisagem sofreu uma série de modificações através do tempo, entendendo-se hoje como sendo “o domínio do visível, aquilo que a vista abarca”. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons e outros. (SANTOS, 1988, p. 61).

Podemos observar o símbolo da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) que antes era SPI (Serviço de Proteção aos Índios) órgãos criados para pacificar, educar, demarcar terras, proteger e proporcionar condições de viver melhor em sua reserva. Mas, com o passar do tempo, isto não foi possível, pois, não eram respeitadas a organização do território Terena. O espaço de ocupação dos Terena era pequeno, não tendo como manter suas famílias começaram a trabalhar fora da reservas como mão-de-obra escrava barata nas fazendas próximas. E os não índios, com as leis a seu favor, podiam entrar em território Terena para usufruir de recursos naturais. Sendo assim, o território é um espaço habitado, com uma profunda ligação entre a cultura e as técnicas que transformam os espaços e as relações que dão direção e sentido na organização de território construído pelos Terena.

## Cartaz – 6



**Fonte:** Cartaz Produzido em Outubro de 2011 em Nioaque, durante etapa do Projeto de Extensão: Formação de Professores Indígenas do Pantanal, UEMS/PROEXT/MEC-2009.

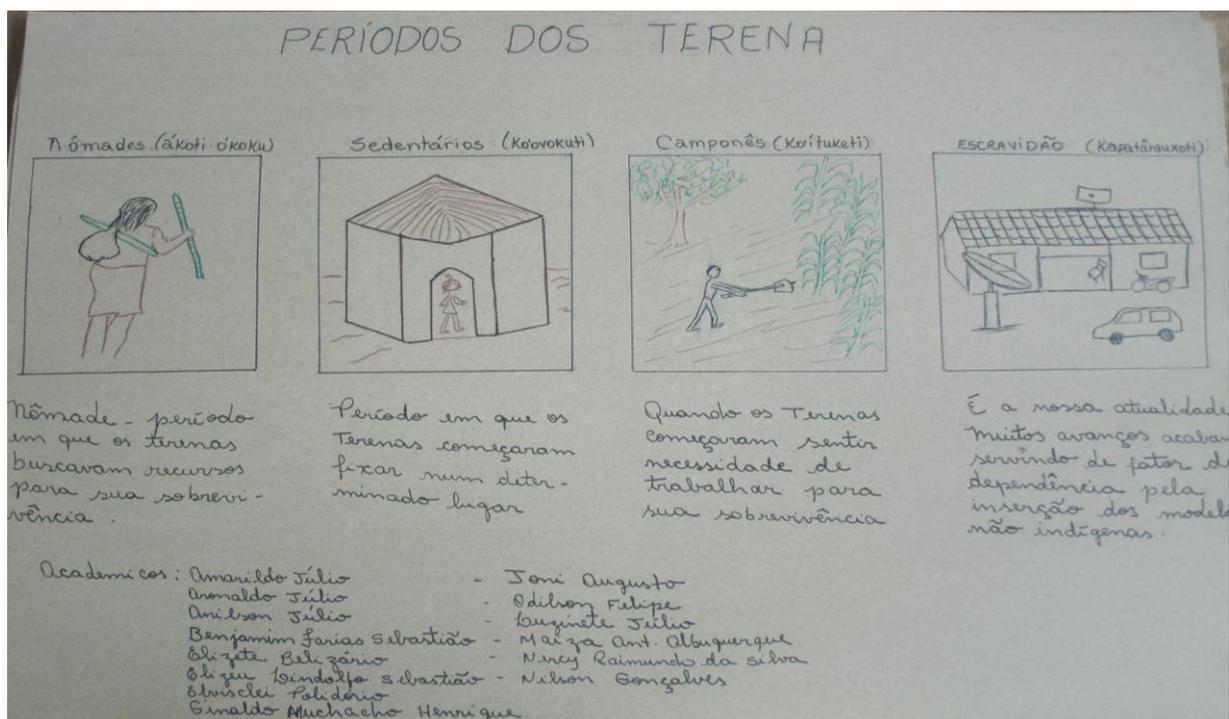
O importante é que, para sobreviverem e constituírem-se como seres humanos, as civilizações que nos precederam tiveram de reconhecer os objetos do entorno e construir caminhos unindo os lugares propícios à caça àqueles onde a coleta de frutas era mais farta e simples e, no mesmo processo, caminhos de acesso à água e a algum tipo de abrigo (Santos, 2007, p. 2).

Este cartaz propõe uma reflexão sobre o período em que, os Terenas viviam as experiências em diferentes momentos, retratando a realidade. Tal como ela é, ou como ela pode vir a ser? Esta pergunta é para percebermos e compreendermos melhor os Terenas nos dias atuais. Através do processo de globalização que permite conhecer e usar a tecnologia existente e escrever uma nova história.

Em qualquer fase da história, os Terena usaram técnicas de aprimoramento devido às condições de vida que eram impostas. Atualmente, com o avanço da tecnologia, o índio terena passa a exercer um elo com a globalização usando os instrumentos para manter existente as técnicas das famílias, como energia, eletrônica, informática do sistema técnico atual. “A cada evolução técnica, uma nova etapa histórica se torna possível”. (SANTOS, 2008, p.24).

A história, agora seja movida por novas técnicas nova soluções organizacionais, novos matérias com um avanço de inovações para um período de crescimento, produtividade, conhecimento, um momento de evolução dos objetos da história mantendo sua tradição Terena, como pontua Santos (2008, p.24) “*uma mensagem portadora de razão objetivas para prosseguir vivendo e lutando*”.

## Cartaz – 7



**Fonte:** Cartaz Produzido em outubro de 2011 em Aquidauana, durante etapa do Projeto de Extensão: Formação de Professores Indígenas do Pantanal, UEMS/PROEXT/MEC-2009. Aldeia Terena Cachoeirinha, Miranda, MS.

Através destes gráficos, pretendemos analisar as representações do povo Terena sobre as mudanças na ocupação de seu Território. O conceito de território que melhor cabe a esta análise é o de Milton Santos, onde o território é construído historicamente pelas populações que o ocupam, com sua cultura, seu modo de ser. A luta pela terra dos Terena envolve o contexto jurídico onde há mais de 70 ou 80 anos. Embora os índios tivessem usado os recursos naturais, legalmente as terras não eram deles e sim de particulares. Nos relatos destes períodos, percebemos a concepção tradicional, a relação de território e a sua identificação no mundo a partir do lugar em que se determinou como território Terena.

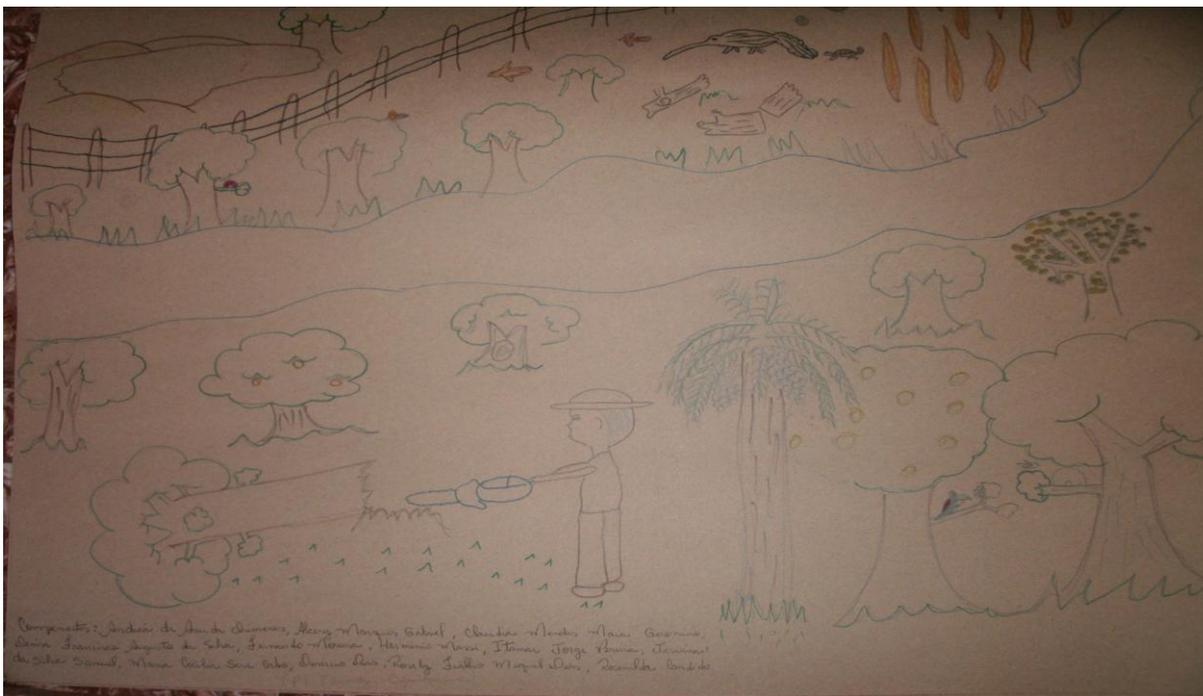
Atualmente, o contexto desta relação mais próxima com o não índio faz com que muitos avanços acabam servindo de fator de dependência pela inserção dos modelos não índios, que vão sendo inserido na comunidade. “O território, de qualquer forma, define-se antes de tudo com referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) e ao

contexto histórico em que esta inserido” (COSTA, 2004, p.78). Neste sentido, a relação social com outros povos esta interligada ao local e ao global no mesmo território Terena rompendo barreiras quebrando paradigmas e criando algo novo para sobreviver e manter seu povo unido.

No século XX devido o novo modelo de globalização ou vida moderna, começou disputa por território provocando conflitos entre o Terena e a sociedade, pois, até hoje os índios não são considerados parte da sociedade brasileira. Portanto, esta sempre procurando se adequar e ser incluir neste processo de novas técnicas e de circulação. Os tradicionais passam a ter interesse e necessidade de usar estes meios para melhor se adequar as novas regras, as formas e velocidade da diversidade do mundo.

Com isto, passa a ter disputa de cultura e a redefinição da ordem espacial e a cultura passou a ser um fato pautado por uma herança histórica.

### Cartaz - 8



**Fonte:** Cartaz Produzido em outubro de 2011 em Aquidauana, durante etapa do Projeto de Extensão: Formação de Professores Indígenas do Pantanal, UEMS/PROEXT/MEC-2009, Posto Indígena Taunay.

O território Terena passou por muitas mudanças, como estas retratadas no cartaz. Mudanças de deslocamento que comprovam a resistência de manter seu povo vivo e com dignidade, com sua cultura de respeito à natureza. Como afirma Stuart Hall (2006, p.9). ”as condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram, utilizando os recursos materiais e de cultura que lhes foram fornecidos por gerações anteriores”.

O Terena vive em uma constante busca pela sua autonomia e para resolver os problemas que os não-índios impõem para obter suas terras. Retratam a “Guerra do Paraguai”

(1864-1870), período que foram ceifadas a vida de muitos Terena, e o relacionamento com a sociedade "tempos atuais", mostrando as mudanças no cotidiano e costumes que as gerações futuras continuarão usando e construindo no território brasileiro. Não podemos esquecer que os índios são os primeiros habitantes do território brasileiro, um país que possui grande extensão de terra. O território se transforma e as suas características históricas com o decorrer do tempo mudam também.

.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cartazes que constituíram o corpus documental deste trabalho e foram confeccionados por professores indígenas de várias aldeias Terena do Mato Grosso do Sul, divididos por aldeia, durante a etapa teórica do curso de Formação de Professores do Pantanal, Projeto de Extensão apoiado pelo edital MEC/UEMS – PROEXT- 2009 em outubro de 2011 em Aquidauana. As representações demonstram alguns aspectos culturais da etnia Terena, que foram guardados na memória dos antigos que viveram um passado mesclado períodos árduos e outros de harmonia com a natureza, e que foram repassados para as próximas gerações através da cultura oral.

Como afirma Almeida: “As memórias assim constituídas, que classificam os espaços, que atribuem valores aos territórios e que conformam imagens aos lugares, não podem ser consideradas neutras nem puramente objetivas. Implicam, também, atribuições de sentidos em consonância com relações sociais de poder”. (Almeida, 2001). Os povos indígenas, tem na oralidade a memória de suas lutas, e podemos acessar esta memória também através de desenhos, onde a criatividade permite que nuances desta memória venham a tona.

A paisagem cultural mostrada nos cartazes é a testemunha de que cultura terena é algo profundo e que o terena tem com uma forte ligação com sua origem, e pode explicar o mundo em que vive e revelar uma nova maneira de vê-lo (perspectivismo em VIVEIROS DE CASTRO, 2010). Nos cartazes aspectos simbólicos como identidade, cultura dão corpo e vida ao território por eles habitados, mantendo um sistema de produção e reprodução da ocupação e de sua forma de preservar a natureza.

A identidade Terena esta representada na defesa de seu território e a beleza de sua paisagem, constituindo uma maneira também para manter seu povo unido mantendo sua memória de sua origem e sua identidade social e também territorial. A relação dos Terena com o seu histórico e o espaço vivido cria significado que lhe dá sentido como amor e raiva, orgulho e desprezo, autoridade e humilhação, alegria e tristeza, mas sempre a razão e sentimento se entrelaçam num real entendimento e não se apaga da memória, representada nos cartazes.

O perfil identitário com traços de uma etnia que viveu e vive lutando pela sua sobrevivência e a forma singular do respeito à natureza, pode ser retratado nestes cartazes, sabedores que são de que sem a natureza não há alimento, remédio e reconhecimento. Pois,

hoje como podemos ver nos cartazes que o tempo moderno tem uma força revolucionária que faz vir a tona o consumismo e materialismo presente dentro e fora das aldeias. Esta modernidade é imposta através de todo um conjunto de leis pelos não-índios que impõe assim, os seus costumes e aspectos econômicos.

Um questionamento que atualmente se faz em relação às estruturas impostas pela sociedade dominante não-indígena é: como deve-se viver o índio Terena: de forma tradicional ou moderna? A sua relação com o território tem também esta dualidade, devendo então haver um elo com a tradição Terena que está também em constantes mudanças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZANHA, G. **As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul**. Revista de estudo e pesquisa, FUNAI, Brasília, V2, n.1, jul.2005. p. 61-111.

BENJAMIN, Walter, **Magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura**, 7 ed. São Paulo:Editora Brasiliense,1994.

BITTENCOURT, C.M; LADEIRA, M. E. **A história do povo Terena**. Brasília MEC, 2000.

CASTRO, E. V. **Perspectivismo e Multinaturalismo na América indígena**. O que nos faz pensar, n 018, 2004, p. 225-252.

CHARTIER Roger, **A história Cultural. Entre práticas e Representações**. Editora, S.A.1988. Editora Bertrand Brasil.

CHARTIER, R. **A história cultural. Entre práticas e representações**. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, S.A, 1990.

DELEUZE, G & GUATARI, F – **O Anti-Édipo**. São Paulo, Editora 34, 2010.

FERREIRA Andrey Cordeiro, **Tutela e Resistência Indígena**. Rio de Janeiro: UFRJ/MN-PPGAS, 2007. x, 413p. il.Tese – Universidade Federal do Rio de Janeiro, MN-PPGAS.

HALBACH, M. **Memória Coletiva**. São Paulo, Ed. Centauro, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A. 7ª ed. 2003

HALL STURAT, **A identidade cultural na Pós-Modernidade**, DP&A Editora, 1ª Ed.1992, Rio de Janeiro.

ORTIZ, Renato, 1947: **Cultura brasileira e identidade nacional**/Renato Ortiz 5ªed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTANA, Carolina Ribeiro “**Pacificando**” o direito: **desconstrução, perspectivismo e justiça no direito indigenista** / Carolina Ribeiro Santana, 2010. Dissertação (Mestrado)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Direito, 2010.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**, 5ª Ed. Editora HUCITEC, 1997.

SANTOS, M. **Território e Sociedade entrevista com Milton Santos**. 2ª edição. São Paulo Editora fundação Perseu Abramo, 2009.

SILVA, Verone Cristina da: **Missão, Aldeamento e Cidade: os Guaná entre os Albuquerque e Cuiabá** – Cuiabá: Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2001. 162 p. il. Dissertação apresentada ao Departamento de História.

SOJA Edward W. **Geografia Pós-Modernas. A Reafirmação do Espaço na Teoria social crítica tradução** [da 2ª Ed.inglesa]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1993.

VERENA, A. **Ouvir contar texto em história oral.** Rio de Janeiro, editora FGV, 2004.